


**FORMOSO DO ARAGUAIA - TOCANTINS: AS FORMAS SEMÂNTICO-
LEXICAIS DA BRINCADEIRA CHICOTE QUEIMADO NA AMAZÔNIA LEGAL**

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-144>

Data de submissão: 13/10/2024

Data de publicação: 13/11/2024

Karina de Jesus Araujo

Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa-Letras
Universidade de São Paulo, FLP FFLCH USP
E-mail: kjaraujo@usp.br
ORCID: 0000-0002-9463-5909
Lattes.cnpq.br/0095901498885699

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida

Doutorado Direto em Filologia e Língua Portuguesa-Letras
Universidade de São Paulo, FLP FFLCH USP
E-mail: msantiago@usp.br
ORCID: 0000-0003-0680-1151
Lattes.cnpq.br/9594141086164150

Priscila Ferreira de Alcício

Doutoranda em Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Mato Grosso, PPGEL UFMT
E-mail: priscila.alecio@sou.ufmt.br
ORCID: 0000-0003-0314-5670
Lattes.cnpq.br/4180046703299436

Jislaine da Luz

Doutoranda em Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Mato Grosso, PPGEL-UFMT
E-mail: jislaine.luz.2015@gmail.com
ORCID: 0000-0002-6394-5787
Lattes.cnpq.br/1204728065934443

Zoraide Magalhães Felício

Doutoranda em Estudos da Linguagem
Universidade Federal do Mato Grosso, PPGEL-UFMT
E-mail: feliciozoraide@gmail.com
ORCID 0000-0001-6272-415
Lattes.cnpq.br/5237231466638903

Paula Torres Fernandes

Mestrado em Letras
Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT/Sinop
E-mail: paula.fernandes@unemat.br
ORCID: 0000-0003-2016-4793
Lattes.cnpq.br/6179005897867058

Nídia Ferraz Lopes

Mestrado em Letras

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT/Sinop

E-mail: nidia.ferraz@unemat.br

ORCID: 0000-0002-8460-8608

Lattes.cnpq.br/3427618965264623

Josilene Pereira dos Santos

Mestrado em Letras

Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT/Sinop

E-mail: josilenesnp12@gmail.com

ORCID: 0000-0002-1920-093

Lattes.cnpq.br/2779741392602645

RESUMO

Neste artigo, analisam-se as variantes lexicais encontradas para a brincadeira “chicote queimado” a partir da fala dos moradores de Formoso do Araguaia, Tocantins. O objetivo principal é investigar as representações dialetológicas pluridimensionais e relacionais no contexto semântico-lexical desses falantes, nascidos ou residentes na localidade, que integra a Amazônia Legal. Para alcançar esse objetivo, adota-se uma abordagem qualitativa fundamentada na Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Utiliza-se a técnica dos três passos de Thun (2010) – perguntar, insistir e sugerir – e aplica-se o Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), composto por 202 perguntas, distribuídas em nove áreas semânticas. No entanto, este estudo concentra-se na área de jogos e diversões infantis, com foco na questão 164: “Uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas, e esta pega o objeto e sai correndo?”. Além disso, os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística são incorporados ao estudo a partir das dimensões labovianas (Labov, 2008). Participaram do estudo 48 informantes, distribuídos igualmente entre os sexos masculino e feminino, e divididos em duas gerações: os mais velhos (CbGII) e os mais jovens (CbGI). Considerando a dinâmica migratória da região pesquisada, foram selecionados apenas informantes da classe baixa (Cb) com menor grau de escolaridade. As análises concentraram-se na ocorrência, frequência e divergência das variantes encontradas, e essas informações foram registradas em mapas polifônicos e mapas de status da forma, com o objetivo de proporcionar uma análise globalizada.

Palavras-chave: Dialetologia Pluridimensional e Relacional, Sociolinguística, Brincadeira infantil, Variantes lexicais, Formoso do Araguaia.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte da dissertação intitulada “Atlas Semântico-Lexical de Formoso do Araguaia - Tocantins: A Dialectologia Pluridimensional e Relacional na Amazônia Legal - ASeLfo” (Araujo, 2023). Ele se fundamenta na abordagem da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, conforme Thun (2010), e nos princípios da teoria da Variação e Mudança Linguística (Weinreich, Labov e Herzog, 2006; 1968). A análise abrange diversas dimensões linguísticas – diatópicas, diastráticas, diagenéricas, diageracionais, diavarietais e diarreferenciais – com o objetivo de contribuir para os estudos dialetais da língua portuguesa brasileira e destacar a riqueza cultural local por meio da investigação das variações linguísticas presentes em Formoso do Araguaia.

O principal foco do estudo é a forma lexical “chicote queimado” e suas variações denominativas registradas no município, conforme a questão 164 do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil (QSL/ALiB), pertencente à área semântica de jogos e diversões infantis. Formoso do Araguaia, reconhecida como a “capital da Irrigação”, está localizada próxima à Ilha do Bananal e às comunidades indígenas do tronco Macro-jê. O município é atravessado por dois rios importantes: o rio Formoso, essencial para o projeto de irrigação local e para a produção de arroz e melancia, e o rio Javaés, formado por um afluente do rio Araguaia, conhecido por sua riqueza em espécies como surubim, pirarucu, piaçu e boto. Próximo aos limites municipais, encontram-se as comunidades indígenas de Canuanã, São João e Porto Piauí, representando as etnias Javaés, Avá-Canoeiros e Krahô-Canela, respectivamente.

Outro aspecto relevante é a comunidade de Canuanã, localizada na zona rural do município, que recebeu seu nome em homenagem à comunidade indígena vizinha. Nessa área está situada uma escola de educação básica da Fundação Bradesco, localizada na Fazenda Canuanã, que desempenha um papel fundamental na formação dos estudantes da região. A comunidade está situada às margens do rio Javaés, próxima à Ilha do Bananal, e abriga aproximadamente dois mil moradores.

Diante dessa diversidade cultural e linguística, torna-se pertinente discutir os aspectos semântico-lexicais da região. Nesse contexto, é essencial investigar se as dimensões mencionadas influenciam a linguagem cotidiana dos habitantes do município. O estudo também busca analisar o impacto do processo migratório na fala local de Formoso do Araguaia, dada a diversidade linguística decorrente da presença de migrantes maranhenses, gaúchos, caipiras, ribeirinhos e pioneiros da região. O objetivo é confirmar a hipótese de que a migração influenciou significativamente a linguagem local.

O objetivo geral deste trabalho é analisar o processamento da variação e da mudança linguística na formação do léxico dos habitantes do município, explorando representações dialetológicas pluridimensionais e relacionais, com ênfase no aspecto semântico-lexical das contribuições dos

falantes migrantes, indígenas e nativos. Para alcançar esse objetivo, o estudo segue as dimensões estabelecidas por Thun (2000; 2005) na Dialetologia Pluridimensional e Relacional e por Labov (2008) na Sociolinguística. O artigo também examina a influência do processo migratório e das diferentes dimensões labovianas na formação do léxico e da fala na comunidade de Formoso do Araguaia, Tocantins.

2 A DIALETOLOGIA TRADICIONAL E A SOCIOLINGUÍSTICA

O desenvolvimento de pesquisas linguísticas ao longo do tempo é notável, em grande parte, graças à contribuição dos neogramáticos da Universidade de Leipzig, que empregaram o método histórico-comparativo no final do século XIX (Faraco, 2006). Esse método foi essencial para o avanço da linguística histórica. A Dialetologia, por sua vez, surge como uma disciplina voltada para a identificação e descrição das variações linguísticas, levando em conta fatores geográficos e socioculturais. A importância da investigação empírica dialetológica é destacada ao analisar a variação linguística em diversos domínios, como idade, gênero, escolaridade, profissão e posição social dos falantes. Além disso, enfatiza-se a necessidade de convergência entre Dialetologia e Sociolinguística, embora ambas abordem os aspectos sociais da linguagem de forma distinta (Thun, 2009).

Nesse contexto, a criação do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) representa um marco na pesquisa geolinguística e dialetológica brasileira, reunindo estudiosos de diferentes regiões do país para mapear as variantes do português. Ademais, o projeto evidencia as várias fases da Dialetologia brasileira, desde a investigação do léxico até a sistematização da Geolinguística. Desse modo, ressaltam-se os fundamentos teóricos da Geolinguística, Dialetologia e Sociolinguística como base para estudos que buscam registrar e descrever variações linguísticas em comunidades específicas (Philippsen, 2013).

Por outro lado, a Sociolinguística traz um enfoque mais específico sobre a interação entre linguagem e sociedade. De acordo com Calvet (2002), essa área da Linguística ganha relevância justamente por examinar a influência dos fatores sociais na linguagem. Nesse âmbito, o plurilinguismo desempenha um papel crucial, permitindo o contato cotidiano entre diferentes línguas e originando os primeiros objetos de estudo da Sociolinguística.

Historicamente, a Sociolinguística surgiu na década de 1960, após a publicação da pesquisa intitulada *Sociolinguistics*, apresentada em um congresso organizado por William Bright na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Entre seus principais expoentes estão William Labov, John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da área.

3 A DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

Thun (1998, 2000, 2002, 2005, 2009, 2010) é frequentemente apontado como um autor que trouxe importantes contribuições para o campo da linguística, ao propor a Dialetologia Pluridimensional e Relacional, uma abordagem que integra elementos da Dialetologia Areal e da Sociolinguística, disciplinas anteriormente tratadas de forma independente. Sua proposta amplia as possibilidades de análise geolinguística ao incorporar uma visão tridimensional, contemplando não apenas a variação geográfica, mas também fatores extralinguísticos, como gênero, idade e nível de escolaridade dos falantes.

Algumas características fundamentais dessa abordagem pioneira merecem destaque, como a participação de diversos informantes, a análise de variedades standard e substandard, além de variedades em situações de contato. Ademais, a metodologia permite que o inquiridor sugira variantes aos informantes e inclui diferentes perspectivas temporais na análise dos dados.

É importante ressaltar que essa abordagem não invalida os estudos anteriores, mas busca ampliar a representatividade nas análises linguísticas, considerando múltiplas dimensões (Thun, 2005; Labov, 2008). Além disso, a Dialetologia Pluridimensional e Relacional é vista como uma evolução das ideias de Abbé Rousselot e Tomás Navarro Tomás, representando uma estrutura variacional tridimensional que conecta a Dialetologia tradicional, ao eixo vertical da Sociolinguística.

Na condução desta pesquisa, foram adotados os parâmetros e dimensões definidos por Thun (2000a, p. 189), como apresentado na Figura 1 a seguir:

Figura 1: Parâmetros e dimensões da Dialetologia Pluridimensional e Relacional.

Dimensões	Parâmetros
Diatópica	Rede de pontos: zona urbana e zona rural
Diageracional	(GI) Geração de Jovens – 18 a 40 anos
	(GII) Geração de Velhos – acima de 50 anos
Diassexual	Homem – masculino
	Mulher - feminino
Diastrática	Estratos sociais/escolaridade
	Classe baixa (Cb) – até ensino médio completo
Diarreferencial	Fala objetiva
	Fala metalinguística
Diafásica	Ferramenta dos três passos: perguntar, insistir e sugerir/sugestão.

Fonte: Adaptado pela autora a partir de Altenhofen (2006, p. 375).

A proposta delineada por Thun (2009) apresenta uma sequência cronológica para o estudo da Dialetologia, dividindo-a em quatro etapas distintas: Nanocronologia, Microcronologia, Mesocronologia e Macrocronologia.

Na Nanocronologia, o foco recai sobre a análise contínua do discurso individual, sem influências externas. Nessa fase, investigam-se elementos estilísticos, como a palatalização em palavras como ‘tia’ e ‘dia’, além de considerar variáveis não linguísticas, como idade e sexo.

A Microcronologia concentra-se no discurso de um informante durante interações informais, abrangendo respostas espontâneas, comentários metalinguísticos e momentos de leitura. A fonética desempenha um papel fundamental nessa etapa, embora a análise dialetal monodimensional se limite a respostas transcritas na norma-padrão.

A Mesocronologia está associada à Dialectologia Pluridimensional e Relacional, explorando as formas linguísticas utilizadas por falantes de diferentes grupos sociais. Essa fase leva em conta variáveis como idade, sexo e escolaridade, o que permite observar a variação e mudança linguística ao longo do tempo.

Por fim, a Macrocronologia envolve a análise comparativa da fala de informantes de diferentes gerações separadas por longos períodos. Os dados podem ser obtidos por meio de repetição sucessiva no mesmo grupo (análise de painel) ou pela comparação de duas séries de materiais de diferentes épocas, coletados no presente. A macrocronologia aborda várias dimensões, como a diatópica, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial.

Desse modo, o esquema proposto por Thun (2009) oferece uma estrutura cronológica abrangente para a análise dialetológica, desde a investigação do modo de fala individual até a comparação entre gerações ao longo do tempo. Essa abordagem permite uma compreensão mais profunda da variação e mudança linguísticas, em diferentes contextos sociais e históricos, integrando múltiplas dimensões linguísticas e extralinguísticas.

O artigo discute a evolução dos estudos dialetais, enfatizando uma abordagem pluridimensional e relacional, para compreender os usos linguísticos em comunidades diversas, como Formoso do Araguaia, TO. Inicialmente limitados à pressupostos monodimensionais, esses estudos agora incorporam múltiplas dimensões: diatópica, diastrática, diageracional, diassexual, diafásica e diarreferencial.

A dimensão diatópica investiga as variações linguísticas geográficas, enquanto a diastrática considera fatores socioeconômicos, educacionais, etários e profissionais. A dimensão diageracional foca na idade dos informantes, e a diassexual examina diferenças entre os sexos. A dimensão diafásica aborda aspectos estilísticos da linguagem em diferentes contextos, enquanto a diarreferencial analisa a metalinguagem e as atitudes linguísticas dos informantes, proporcionando uma compreensão detalhada das variedades linguísticas e das percepções sociais.

Com base em Thun, Marques (2022) propõe a técnica dos três tempos nos estudos linguísticos, aplicando-a de três maneiras: pluralidade simultânea, sucessiva e de várias vias. Essa abordagem permite discussões entre informantes, interação com o pesquisador e análise metalinguística. Thun (2010) enfatiza os passos de perguntar, insistir e sugerir na criação de mapas que representam o uso ativo da linguagem, ampliando a compreensão do fenômeno linguístico ao capturar respostas espontâneas, conhecimento passivo e sugestões aceitas. Tavares de Barros (2019) complementa ao sugerir o uso de questionários, conversas livres e leituras, integrando-os aos três passos para explorar de forma abrangente as diversas facetas da linguagem.

Krug e Horst (2022) apresentam a proposta de Thun na cartografia linguística, destacando a simplificação por meio dos mapas fenotípicos, que utilizam um único símbolo para representar grupos socioculturais, divididos por níveis de escolarização e gerações. A abordagem pluridimensional e relacional condensa quatro grupos em um único mapa, indicando unidade linguística quando os resultados convergem. A limitação de usar apenas um símbolo por célula no modelo em cruz facilita a interpretação visual, seguindo o conceito do “ponto-símbolo”.

Nessa perspectiva, Thun (2010) introduz a ideia de zonas linguísticas, como exemplificado pelo uso de “caçula” no Norte do Uruguai, onde símbolos pretos e brancos delimitam áreas distintas. A Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional revela a complexidade da cartografia linguística, registrando até quatro formas predominantes no mapa polifórmico. A proposta do autor de separar informações em mapas temáticos sucessivos reflete a necessidade de legibilidade e precisão, na representação linguística.

Ainda nesse contexto, a metáfora dos cavalos na cronofotografia apresenta a ideia de fotografias simultâneas do fenômeno em movimento, ilustrando a evolução na cartografia de dados linguísticos. Essa metáfora compara os atlas linguísticos monodimensionais, que se assemelham a “fotos instantâneas” históricas sem retoques, com os atlas pluridimensionais, que permitem fotografar as mudanças linguísticas e escolher as melhores poses ou mapas para compor a pesquisa.

De acordo com Krug e Horst (2022), Thun utiliza ferramentas como questionários estruturados e livres, além dos três passos (perguntar, insistir e sugerir), para capturar múltiplos aspectos do fenômeno linguístico. Essas abordagens visam aprofundar a compreensão das variações linguísticas ao longo do tempo e do espaço, contribuindo para avanços na pesquisa cartográfica linguística.

Em síntese, a entrevista realizada por Krug e Horst (2022) ilustra como a aplicação inovadora de Thun na cartografia linguística não apenas simplifica a representação de complexidades socioculturais e geracionais por meio de mapas fenotípicos, mas também aprofunda a compreensão das dinâmicas linguísticas com técnicas pluridimensionais e relacionais.

Ao integrar conceitos como o ponto-símbolo e as zonas linguísticas, Thun facilita a interpretação visual dos dados e propõe novas perspectivas para a análise das variações linguísticas ao longo do tempo e espaço. Essa abordagem, além de fortalecer a precisão dos mapas linguísticos, permite avanços contínuos na pesquisa linguística, destacando a importância de métodos rigorosos e ferramentas inovadoras para um entendimento mais profundo da diversidade linguística global.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O artigo em questão examina, de forma qualitativa (Martin; Gaskell, 2008), os aspectos semântico-lexicais das variantes encontradas em uma comunidade linguística específica: Formoso do Araguaia, no estado de Tocantins, selecionada por sua riqueza linguística. O objetivo é analisar a ocorrência, frequência e divergência dessas variantes.

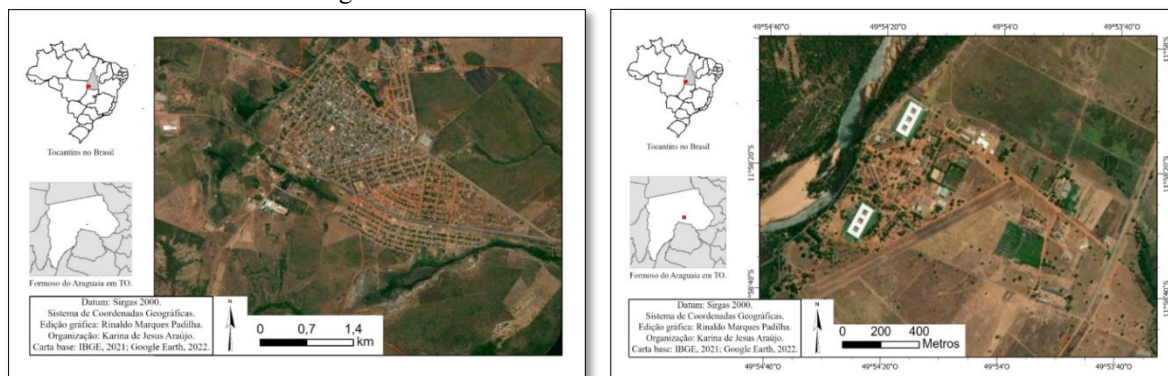
A pesquisa adota a abordagem da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, visando registrar as diversas formas de fala presentes na comunidade. Para isso, são utilizadas ferramentas como os três passos, o sistema em cruz de Thun (2010) e as dimensões da teoria Sociolinguística de Labov (2008). Além disso, emprega-se o QSL/ALiB, contendo 202 questões distribuídas em 14 áreas semânticas. A área escolhida para este estudo é a dos jogos e diversões infantis, com foco na questão 164: “uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas, e esta pega o objeto e sai correndo?”.

É importante destacar as características históricas, culturais e linguísticas de Formoso do Araguaia. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso e seguiu as diretrizes estabelecidas pelas resoluções 466/2012 e 510/2016 da CONEP. Durante a coleta de dados, foram adotadas medidas de segurança devido à pandemia de COVID-19, incluindo o uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social. A metodologia utilizada será detalhada na sequência deste estudo.

A pesquisa abrange tanto na área urbana quanto rural do município, considerando o crescimento populacional urbano em comparação ao rural e as conseqüentes mudanças linguísticas. A seleção da área rural, especialmente a Fazenda de Canuanã, é essencial para examinar as diferenças linguísticas entre os dois pontos de inquérito. O estudo investiga as diversas variedades do português, dividindo o município em setores socioculturais, abrangendo bairros tradicionais e modernos, além de variações no nível educacional.

Assim, percebe-se que a definição da área de pesquisa dialetal é influenciada por fatores como localização geográfica, contexto histórico, economia e demografia local. Nesse contexto, a inclusão da comunidade rural é primordial para analisar e comparar o léxico utilizado em Formoso do Araguaia.

Figura 2: Pontos de Inquérito - urbano e rural
P1 - Formoso do Araguaia/urbano P2 - Fazenda de Canuanã/rural



Fonte: Araujo (2023, p38-40)

Os informantes foram divididos em duas gerações: a Geração Um (GI), composta por pessoas mais jovens, com idades entre 18 e 40 anos, e a Geração Dois (GII), formada por indivíduos com 50 anos ou mais, residentes em Formoso do Araguaia há mais de trinta anos. Dessa forma, as respostas dos informantes são analisadas com base na área semântica “jogos e diversões infantis” do (QSL/ALiB). Para assegurar a precisão dos resultados, foram seguidos os critérios do ALiB na seleção dos informantes, evitando, portanto, a inclusão de membros da mesma família. No entanto, encontrar informantes com o perfil desejado se mostrou um desafio.

Em relação à condução das entrevistas, estas foram realizadas individualmente. O grupo inicial de informantes foi composto por 32 pessoas, igualmente distribuídas entre homens e mulheres, com diferentes níveis de escolaridade (16 de cada gênero). Além disso, foram identificados quatro grupos varietais, com base em variedades regionais do português (maranhense, gaúcho, caipira e ribeirinho). Para garantir um equilíbrio ainda maior, outros 16 informantes foram recrutados na terceira fase da pesquisa. Assim, o grupo final totalizou 48 informantes, distribuídos de forma equitativa quanto à gênero, idade e escolaridade, com o objetivo de analisar a variação linguística em Formoso do Araguaia.

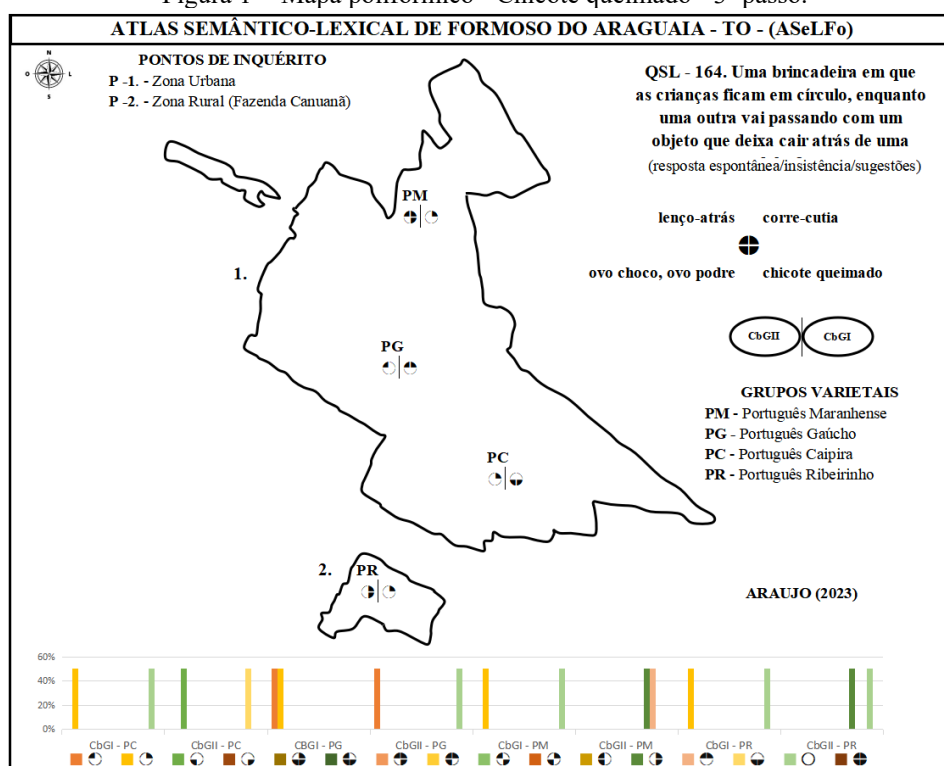
No que diz respeito à coleta de dados, esta foi realizada por meio de gravações de encontros presenciais, questionários impressos e transcrições. Para lidar com os riscos trazidos pela pandemia de COVID-19, foram adotadas medidas de biossegurança, como o uso de máscaras, álcool em gel e distanciamento social. Além disso, foi necessário o apoio de intermediários para facilitar o contato com os informantes antes das visitas aos locais de pesquisa.

Por fim, o corpus deste estudo é composto por variantes que representam diferentes nuances semântico-lexicais, das expressões linguísticas locais. Dessa maneira, a pesquisa buscou explorar como as variações linguísticas refletem as especificidades culturais e sociais de Formoso do Araguaia.

5 RESULTADOS

O mapa polifórmico intitulado “Chicote Queimado” apresenta uma síntese das variantes lexicais mais representativas identificadas nas respostas à pergunta 164 do QSL/ALiB: “Como se chama uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas e esta pega o objeto e sai correndo?” Seguindo a metodologia proposta por Thun (2010), o mapa incorpora os três passos — perguntar, insistir e sugerir —, permitindo uma análise mais aprofundada das escolhas linguísticas dos informantes.

Figura 1 - Mapa polifórmico - Chicote queimado - 3º passo.



Fonte: (Araujo, 2023, p. 456).

O mapa revela a diversidade lexical encontrada na comunidade pesquisada e oferece uma perspectiva visual clara das variantes utilizadas, destacando como esses termos refletem as dinâmicas culturais e linguísticas locais.

Com base nas respostas dos grupos varietais pesquisados — português maranhense (PM), português gaúcho (PG), português caipira (PC) e português ribeirinho (PR) — foram identificadas as seguintes formas: lenço-atrás, corre-cutia, ovo choco/ovo podre e chicote queimado. Essas variantes foram selecionadas a partir de diversas fontes, incluindo estudos como o “Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil” (ALERS, 2011), o “Atlas Linguístico de Pernambuco” (ALIPE, 2013) e o “Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás” (ASELGO, 2013).

Além disso, os estudos mencionados documentaram as seguintes variantes: lenço-atrás (ALERS, 2011), ovo choco/ovo podre (ALERS, 2011; ASELGO, 2013), corre-cutia (ASELGO, 2013) e chicotinho (ASELGO, 2013; ALIPE, 2013). Nesse sentido, Ferreira (2004, p. 455-456) apresenta as seguintes acepções para a forma lexical:

Chicote-queimado - 1. Brinquedo infantil em que uma criança tenta alcançar as outras batendo com um lenço enrolado, em forma de chicote. 2. Brinquedo infantil em que uma criança esconde um objeto que deverá ser procurado pelas outras, que, cada vez que se aproximam dele, são advertidas pela que o escondeu com as palavras “está quente”, e quando se afastam “está frio”, e quando o encontra, ouve a outra gritar “chicote-queimado!” e passa, então, a ser quem o esconde; chicotinho-queimado (Ferreira, 2004, p. 455-456).

No contexto específico do grupo PM e da geração CbGII, foram apresentadas as formas lenço-atrás, corre-cutia e chicote queimado, que representam 75% das variantes aceitas. Por outro lado, na geração CbGI, apenas corre-cutia foi registrada, totalizando 25% das variantes aceitas.

No grupo PG, para a geração CbGII, foi registrada apenas a forma lenço-atrás, correspondendo a 25% do conhecimento das variantes aceitas. Enquanto isso, na geração CbGI, foram registradas lenço-atrás e corre-cutia, totalizando 50% das variantes aceitas.

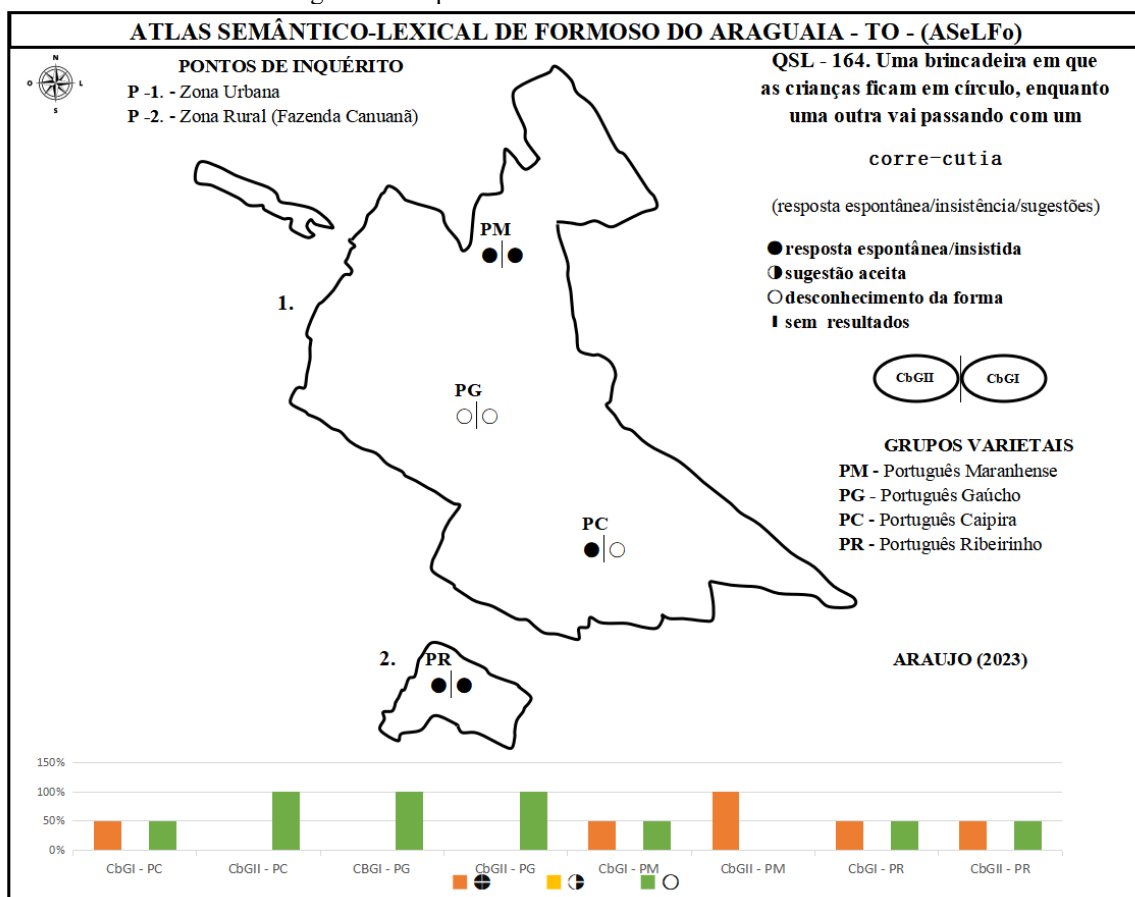
O grupo PC, para a geração CbGII, refletiu apenas a forma corre-cutia, demonstrando um conhecimento de 25% das variantes aceitas. Na mesma linha, na geração CbGI, foram registradas ovo choco/ovo podre e chicote queimado, representando 50% do conhecimento das variantes aceitas.

Além disso, o grupo PR revelou, para a geração CbGII, as formas corre-cutia e chicote queimado, totalizando 50% do conhecimento das variantes aceitas. Enquanto isso, na geração CbGI, apenas corre-cutia foi registrada, o que equivale a um conhecimento de 25% das variantes documentadas.

Considerando as análises das formas de brincadeiras populares apresentadas nos diferentes grupos e gerações, é possível observar uma variação significativa na frequência e na aceitação das variantes. No contexto do grupo PM e das gerações CbGII e CbGI, as formas lenço-atrás, corre-cutia e chicote queimado emergem como as mais reconhecidas, com uma predominância de 75% entre as variantes aceitas. No entanto, essa predominância varia entre as gerações, com a geração CbGII demonstrando um conhecimento mais limitado em relação às formas de brincadeiras populares, em comparação com a geração CbGI. Essas diferenças entre grupos e gerações sugerem uma dinâmica complexa de transmissão e evolução das tradições culturais, influenciada por uma variedade de fatores socioculturais e históricos.

Além disso, registra-se a seguir o status da forma corre-cutia.

Figura 5 - Mapa lexical - *status* da forma - corre-cutia.



Fonte: (Araujo, 2023, p.458)

Ao examinar o status da forma *corre-cutia*, é importante destacar que as variantes foram naturalmente aceitas pelos grupos varietais: português maranhense (PM), português caipira (PC) e português ribeirinho (PR). No entanto, a geração mais jovem (CbGI) do grupo caipira demonstra desconhecimento da forma sugerida. Nesse contexto, o grupo PG revela falta de familiaridade com a variante por parte da geração mais velha (CbGII). Além disso, a geração mais nova só adquire conhecimento da forma após insistência da pesquisadora.

Por outro lado, a análise do status da forma *corre-cutia* revela nuances interessantes sobre a transmissão e a preservação das tradições culturais nos diferentes grupos e gerações. Embora essa variante tenha sido aceita pelos grupos estudados — destacando-se o português maranhense, o caipira e o ribeirinho — sua recepção varia significativamente entre as gerações. Nesse sentido, a falta de familiaridade da geração mais jovem (CbGI) com a forma *corre-cutia*, sugere um possível declínio no conhecimento e na prática das tradições locais.

Assim sendo, em síntese, essa análise evidencia a complexidade da transmissão cultural entre diferentes grupos e gerações. Apesar da aceitação nos grupos maranhense, caipira e ribeirinho, a resistência ou o desconhecimento por parte dos mais jovens indica um desafio crescente na preservação

dessas variantes linguísticas. O fato de a pesquisadora precisar insistir para que a geração mais nova conheça a variante sublinha a importância de iniciativas que promovam a valorização e a prática das tradições. Portanto, é fundamental desenvolver estratégias educativas que estimulem a intergeracionalidade, garantam a continuidade e a riqueza das práticas culturais, assegurando que a forma ‘corre-cutia’ e outras variantes não se percam ao longo do tempo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo mapeou uma ampla gama de variantes linguísticas utilizadas no município. Para isso, foi adotado o uso de um diário de bordo, que inclui comentários metalinguísticos dos informantes. Após a coleta de dados, as gravações foram transcritas e organizadas em planilhas do Excel, com base no material escrito e acústico obtido, durante o trabalho de campo. Os mapas foram elaborados utilizando os dados catalogados e uma base cartográfica. Além disso, para representar as variantes, foram utilizados os símbolos de Kiel e a representação simbólica da cruz, seguindo os princípios da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, visando descrever e analisar as formas lexicais em mapas polifórmicos e de status da forma, complementados por uma base estatística.

Complementando essa análise, o foco foi exclusivamente na classe social baixa (Cb), considerando seu contexto migratório e contatual. Por essa razão, a representação da cruz foi simplificada para uma barra que divide as duas gerações. É importante destacar que, neste artigo, foram consideradas apenas as variantes da pergunta 164: “uma brincadeira em que as crianças ficam em círculo, enquanto uma outra vai passando com um objeto que deixa cair atrás de uma delas, e esta pega o objeto e sai correndo?” Após a elaboração dos mapas pluridimensionais para cada questão do Questionário Semântico-Lexical (QSL/ALiB), procedeu-se à descrição das variantes, utilizando a cartografia linguística produzida, juntamente com contribuições de estudos lexicográficos e dialetais para a análise e discussão dos resultados.

A aplicação da técnica dos três passos revela que os diferentes grupos estudados — maranhenses, gaúchos, caipiras e ribeirinhos — demonstram mudanças linguísticas, incluindo empréstimos entre os informantes. Mesmo nas respostas espontâneas, como evidenciado nos três passos de perguntar, insistir e sugerir, os informantes de origem gaúcha não utilizam a lexia “chicote queimado” para se referir à brincadeira, optando pelas formas “lenço-atrás” e “corre-cutia”.

Ademais, observou-se que, entre todos os grupos pesquisados, a forma linguística mais recorrente para nomear a brincadeira foi “corre-cutia”, considerada a variante mais representativa. O estudo parte da hipótese de que o processo migratório teve uma influência significativa sobre a linguagem local, confirmada durante as análises cartográficas. Os maranhenses exercem uma

influência considerável devido à sua representatividade, na formação da variedade dialetal local, especialmente sobre os informantes ribeirinhos de regiões vizinhas.

Por fim, todos os objetivos estabelecidos foram plenamente alcançados, destacando a relevância e legitimidade da pesquisa não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para a comunidade local e suas instituições de ensino. Além disso, contribui para o reconhecimento e valorização da realidade linguística pelos educadores, assim como para a compreensão do impacto das influências culturais nas variações da língua portuguesa local. Portanto, este recorte da dissertação de mestrado (Araújo, 2023) demonstra a importância dos estudos dialetológicos realizados no município de Formoso do Araguaia, no estado do Tocantins, e em todo o país.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na Geografia Linguística do Sul do Brasil - Bacia do Prata. In: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (Org.). A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados. Londrina: Eduel, 2006.
- ARAUJO, K. de J. Atlas semântico-lexical de Formoso do Araguaia - Tocantins: a dialetologia pluridimensional e relacional na Amazônia legal. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras: PPGLetras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, Mato Grosso, 2023.
- AUGUSTO, V. L. D. dos S. Atlas semântico-lexical do estado de Goiás (ASELGO). Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- CALVET, L. J. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- FARACO, C. A. Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- FERREIRA, A. B. de H. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004.
- KOCH, W.; ALTENHOFEN, C. V.; KLASSMANN, M. (Orgs.). Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil (ALERS): introdução, cartas fonéticas e morfossintáticas. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. 512 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/232185>.
- LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MARTIN, W. B.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- PHILIPPSEN, N. I. A constituição do léxico norte mato-grossense na perspectiva geolinguística: abordagens sócio-semântico-lexicais. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras: Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- SÁ, E. J. de. Atlas linguístico de Pernambuco (ALiPE). Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2013.
- THUN, H. La geolinguística como linguística variacional general (con ejemplos del Atlas linguístico Diatópico y Diastrático do Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology. Atti del XXI Congresso internazionale di linguistica e filologia romanza, 21., 1995, Palermo. A cura di Giovanni Ruffino. Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729, 787-789. V.5.
- THUN, H. O português americano fora do Brasil. In: GARTNER, E.; HUNDUT, C. & SCHONBERGER, A. Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt am Main: TFM, 2000a. p. 185-227.

THUN, H. Geografia linguística e reti di comunicazione. In: KREFELD, T. Spazio vissuto e dinâmica linguística varietà meridional in Italia e in situazione di extraterritorialità. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2002. p. 25-46.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no rio da Prata. In: ZILLES, A. M. S. (Org.). Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005. p. 63-92.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. de A. (Org.). Para a história do português brasileiro, volume VII: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. p. 531-558.

THUN, H. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A. et al. Language and space: language mapping: an international handbook of linguistic variation. Walter Gruyter GmbH: Berlin and New York, 2010. p. 506-523.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. São Paulo: Parábola, 2006.